

Alma em Linguagem: o anímico na filosofia de Wittgenstein

Soul in language: the mental in Wittgenstein's philosophy

Mateus Ântoni Moreira da Silva Maciel

Graduado em Psicologia

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

antony123405@gmail.com

Recebido: 06/12/2023

Aprovado: 09/10/2024

Resumo: Neste artigo discute-se a atribuição de objetividade a expressões psicológicas subjetivas na filosofia de Wittgenstein, considerando o estatuto lógico do anímico em sua obra. Para tal, comenta-se brevemente dados biográficos do filósofo e apresenta-se conceitos essenciais como anímico, jogo de linguagem e significado. Então se explora o conceito de vivência do significado, abordando conceitos relacionados. Em seguida, examina-se como Wittgenstein estabelece a objetividade das expressões subjetivas. E arremata-se, enfim, com uma reflexão sobre as idiosincrasias da filosofia da psicologia de Wittgenstein e seus impactos na compreensão ontológica do ser humano e sua vida anímica.

Palavras-chave: Wittgenstein. Filosofia da psicologia. Anímico. Linguagem. Significado.

Abstract: This article discusses the attribution of objectivity to subjective psychological expressions in Wittgenstein's philosophy, considering the logical status of the mental in his work. To this end, a brief comment is made on the philosopher's biographical data and essential concepts such as the mental, language play and meaning are presented. Then, the concept of the experience of meaning is explored, approaching related concepts. Next, it examines how Wittgenstein establishes the objectivity of subjective expressions. Finally, it concludes with a reflection on the idiosyncrasies of Wittgenstein's philosophy of psychology and its impacts on the ontological understanding of the human being and his mental life.

Keywords: Wittgenstein. Philosophy of psychology. Mental. Language. Meaning.

A ideia do espírito do ser humano, que vemos ou não, é muito semelhante à do significado de uma palavra, que, como processo ou objecto, permanece junto à palavra.

(Ludwig Wittgenstein)

Introdução

A obra de Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco dos mais importantes do século XX, autor capital para a filosofia analítica e pensador influente para o positivismo lógico, e sobretudo importante para a virada linguística, é tal e qual a efígie do deus romano Jano: bifronte, com faces em opostas uma à outra, mas estruturalmente única. A propósito, essa característica fundamental do *œuvre* de Wittgenstein foi reconhecida em uma leitura do próprio autor, quem, no prefácio às *Investigações Filosóficas* (1953), obra que inaugura um novo momento em sua bibliografia, aconselha que se compreenda suas novas reflexões contrastando-as às anteriores. O que se percebe ao debruçar-se em sua obra, com efeito, é que coexistem nela duas atitudes filosóficas distintas. (cf. OLIVEIRA, 2018)

No que interessa ao presente artigo, todavia, limitar-nos-emos ao segundo momento da obra — mais especificamente, às elucubrações advindas da atitude filosófica adotada por Wittgenstein em suas investigações quanto à filosofia da psicologia —, no qual, ainda cinzelando compreensões quanto àquilo que atravessa todo o seu trabalho, a saber, a demarcação dos limites da significação e da organização da experiência, Wittgenstein explora a natureza sensível da realidade, da linguagem e da mente.

Por conta da rica complexidade do seu pensamento, da translucidez do seu raciocínio, e da fineza de sua argumentação, muitas são as aproximações de leitores à obra desse autor, havendo interpretações que o nomeiam como filósofo da linguagem, da matemática ou da lógica, ou que o consideram uma espécie de místico racionalista, conservador amargurado ou esteta atormentado. É indubitável, nada obstante, que suas contribuições às discussões da natureza da linguagem, da experiência, da subjetividade, da mente e da consciência, provam-se influentes, inspiradoras e necessárias não só no campo da filosofia, mas também da ciência — havendo, inclusive, ecos seus no pensamento pós-moderno. (SALLES, 2012)

Em todo o caso, na leitura de suas obras tardias, por conta da incansável investida de Wittgenstein aos mesmos temas, constata-se um esforço de retomada temática em busca de uma compreensão perfeita — ou, pelo menos, mais bem adequada. Tal esforço dá-se na investigação de padrões de similaridades e diferenças, na descrição de conceitos, na exposição de exemplos ilustrativos e na correção de concepções de linguagem errôneas através da aplicação dos seus próprios métodos de análise filosófica, análise esta que se configura à maneira de um proceder metódico, gradual, analítico, de ponderar situações e lugares-comuns de diferentes ângulos, a esmiuçar e desafiar pressuposições a partir de raciocínios multifacetados; proceder que, ao fim e a cabo, poder-se-ia qualificar como o burilar de experiências de pensamento ou cálculos lógicos.

Nisso, de todo modo, conforma-se uma filosofia da psicologia cuja razão de ser primordial consiste no objetivo de extirpar as contradições, os paradoxos, os enganos, as superstições e as ilusões advindos da relação equivocada estabelecida entre os objetos de estudo das ciências psicológicas — de modo genérico: mente,

percepção e comportamento — e a sua sintaxe — o que com notável elegância logra Wittgenstein. O autor, para tal objetivo, redefine certos conceitos, refina uns, e cria outros; para o presente artigo, a propósito, será imprescindível o tratamento de alguns deles, a saber: *anímico*, *jogo de linguagem* e *significado*, os quais serão explorados no decorrer da argumentação.

Considerando-se o método de Wittgenstein e as propriedades de sua investigação, os referidos objetos de estudo das ciências psicológicas possuem um estatuto singular em sua obra, encontrando-se com uma feição notadamente particular, pois, nela, o ângulo não é epistemológico ou cognitivo — e sim gramatical. E os efeitos desse ângulo são de suma importância, visto que assim se define a natureza mesma das investigações filosóficas do autor, bem como a metodologia dessas. Para chegar ao sentido, Wittgenstein elege a gramática como método, e é nas suas investigações gramaticais que o autor desenlaça os nós górdios que, no uso impreciso de conceitos psicológicos, foram inadvertidamente criados.

O que é mister compreender de antemão, contudo, é que em seu pensamento a atividade linguística — ou, em outras palavras, os jogos de linguagem —, existe como a semente pluripotente de todo o espectro das crenças, atitudes e comportamentos humanos, e as consequências teóricas desse preceito são tão variadas quanto são vitais, pois, desse modo, na filosofia da psicologia de Wittgenstein não se pretende criar ou sistematizar uma ciência do comportamento psicológico; em vez disso, trata-se de ponderar as questões relativas à psicologia através do esquadramento da gramática dos conceitos da própria psicologia.

Com isso, o *anímico*, na filosofia da psicologia de Wittgenstein, é um epíteto lógico, isto é, uma consequência adjetiva das práticas, das interações e dos modos de vida do ser humano. Dessa maneira, o anímico encontra expressão no corpóreo, e uma vez que, em Wittgenstein, sensação e expressão formam uma unidade inseparável, essa expressão é primordialmente linguística. Assim sendo, o que prepondera sobre a compreensão de expressões e conceitos psicológicos é a gramática que, sobretudo, possibilita a comunicação entre duas mentes e, ainda mais, possibilita a espantosa compreensão objetiva do conteúdo subjetivo expresso nessa comunicação. (WITTGENSTEIN, 2009)

Tal comunicação, a propósito, dá-se na dinâmica dos *jogos de linguagem*, que são, *grosso modo*, o conjunto composto pela própria linguagem — substrato vivo, animado — e pelas atividades em cujas tramas a linguagem é entretecida, e através das quais contorna formas de vida. (Wittgenstein, 2009, *passim*)

Como o próprio Wittgenstein (2009, p. 11^c, § 18) afirma, nossa linguagem pode ser comparada a uma cidade antiga, com ruas e vielas, casas e casinhas com arquiteturas diversificadas amontoadas à toda volta no centro, em cujos arrabaldes erigiu-se, à imagem de cidades planejadas, subúrbios de ruas retas e regulares com ordeira sucessão de casas uniformes, e disso decorre que haja diferentes usos para uma determinada palavra, de que não seja óbvio o seu sentido, e que haja diferentes funções e utilidades no uso que dela se faz. Nesse cenário,

porém, o conceito de *significado* serve para “distinguir as formações caprichosas da linguagem das formações essenciais, inerentes à natureza dos seus propósitos” (Wittgenstein, 2014, MS 137-138, p. 118, § 326). Assim sendo, o significar não é um processo que transcorre junto às palavras, posto que não é em nenhum lugar, senão no fluxo da própria vida, que as palavras têm o seu significado. Em síntese, o significado de uma palavra patenteia-se por meio da explanação do que o seu significado explica. Ademais, ao ser imprescindível para se pensar o emprego de uma palavra em dado jogo por servir-nos de crivo, são-lhe aparentados conceitos como *função, finalidade e utilidade*. (WITTGENSTEIN, 2014).

E é nessa dinâmica de uso da linguagem pelo sujeito expressivo que se dão todos os fenômenos da subjetividade e da intersubjetividade, que são, em suma, experiências linguísticas, visto que, ainda que sejam em essência subjetivos e geralmente privados, tais fenômenos não possuem uma condição excepcional em relação aos demais, possuindo, no lugar, os predicados semânticos e organizativos da linguagem que servem de instrumento à expressão da mente humana. Tal como o próprio Wittgenstein (2009, p. 113^c, § 329) sumariza, ao pensar em palavras não se possui significados na mente em adição às expressões verbais; em vez disso, a própria linguagem veicula o pensamento. Isto é, o sujeito não é dado prévio à experiência, e a própria experiência constitui-se através de condições de ordem linguística.

Ademais, para o filósofo, o fato maior no que respeita à experiência subjetiva não é a pretensa variabilidade infinita em gênero das experiências privadas de cada um, mas que, ao fim de toda a expressividade concebível, resta uma opacidade incontornável que é constituidora da própria vivência do jogo e que, em última análise, cria a necessidade lógica da existência de um interior, de uma vida anímica (cf. Wittgenstein, 2014, MS 173, p. 328, § 17-18). Afinal, não são águas turvas que põem o fundo em questão? Todavia, tal como define Salles (2012), Wittgenstein ocupa-se das condições gramaticais da experiência psicológica, interessando-lhe unicamente os conceitos que a concernem e a sua posição no conjunto dos conceitos experienciais, importando-lhe distingui-los por medidas como durabilidade, localidade, propriedades fenomênicas e graus, não lhe interessando, desse modo, o que naturalmente ocupa as ciências psicológicas, ou seja, as causas dos eventos mentais, sua natureza, e as propriedades do seu conteúdo. Conforme Oliveira (2018), a investigação lógica do anímico concentra-se nas diferenças gramaticais que marcam os modos diversificados de manifestação desse “elemento etéreo e dúctil”, segundo qualifica-o Salles (2012, p. 87), procedendo, conseqüentemente, sem jamais hipostasiá-lo. Ao tematizar a gramática que torna possível a sua expressão e não os sinais exteriores ou uma pretensa natureza metafísica, assim, tal investigação centra-se na essência mesma do anímico — isto é, em seus traços e leis de evidência.

Nesse sentido, explorar-se-á de que modo as expressões psicológicas — de natureza subjetiva, complexa e ambígua — são dotadas de significado e fazem-se compreendidas na dinâmica dos jogos de linguagem. Para isso, no entanto, enfocar-se-á a relação entre a condição lógica do anímico na obra de Wittgenstein e a

objetividade possível de expressões subjetivas de caráter psicológico com o objetivo de compreender em que consiste a *vivência do significado* no ato de significar.

Significado, expressão e compreensão em jogos de linguagem

Wittgenstein dedica-se, no desenvolver de sua filosofia da psicologia, a uma diferenciação sobremaneira vital: entre a simples vocalização e a *vivência do significado*. Para tal, pergunta-se: o que se perderia em alguém que não possui a vivência do significado de uma palavra? E, a fim de desenvolver esse raciocínio, o autor recorre a experiências de pensamento e a cálculos lógicos. Desse modo, cogita-se: caso um indivíduo fosse incapaz de proferir isoladamente uma palavra, a exemplo de *banco*, uma vez com um significado, e outra vez com outro, o que lhe seria retirado? Afinal, proferir uma palavra sem dominar a técnica do seu emprego equivale a não conhecer os pressupostos tácitos dos quais o processo compreensivo é condição, ao ponto de assemelhar-se aquele que profere uma palavra polissêmica sem se atentar aos movimentos inaugurados no jogo com o seu uso mais a um papagaio que repete fonemas, do que com uma criança adestrada no uso da linguagem que anuncia uma intenção ou manifesta um desejo. Assim, como faz-nos notar Wittgenstein, ao proferir seguidamente uma mesma palavra, a vivência se perde, e o significado confunde-se no som (Wittgenstein, 2014, MS 137-138, p. 200-201, § 784); no caso do indivíduo não adestrado, todavia, a vivência do significado nem sequer realiza-se, e o som se lhe torna um rumor insignificativo. (WITTGENSTEIN, 2014)

É através do uso proficiente, cômico, portanto, que o jogo é jogado. Como bem aponta Wittgenstein, caso não se possuísse a vivência do significado das palavras, ser-nos-ia impossível rir de anedotas, posto que o humor reside não propriamente na acústica da interação, mas no próprio contexto em que o trocadilho atua e surte efeito (cf. Wittgenstein, 2014, MS 137-138, p. 186, § 711). Há, pois, critérios comportamentais para definir-se se acaso alguém entendeu ou não uma palavra dita: ou nada lhe significa, ou ele não sabe o que fazer da palavra. Existe, ainda, a possibilidade de um equívoco de compreensão. Independente do caso, demonstrar-se-á uma compreensão correta, incorreta ou inexistente quando a pessoa *usa* a palavra; e, tão claramente quanto se é possível discernir um pianista de um pianeiro pelo contato com as teclas, assim expõe-se a circunstância desse jogador (WITTGENSTEIN, 2014). A compreensão, desse modo, é necessariamente contextual. Tal como sintetiza Salles (2012, p. 155), “[...] compreender é simplesmente jogar”.

Para Wittgenstein (2014), com efeito, entender uma única sentença equivale a entender toda uma linguagem, pois na compreensão de algo, seja palavra, imagem, ou melodia, o significado significa o expresso através do ser humano atuando suas práticas linguísticas e ações, de modo que são inseparáveis o ver, o ouvir, o falar, e o fazer da ação cabalmente realizada, estando a compreensão em relação a esse todo como um produto sintético sustentado pela ação. Em outras palavras: o uso, e não o componente pictórico, é o fôlego de vida do

signo (cf. Wittgenstein, 2009, p. 155^c, § 432). Faz-se necessário, no entanto, salientar que tal elaboração se dá em razão da terapêutica filosófica proposta por Wittgenstein, em que de forma paulatina e inexorável perfaz-se uma desconstrução radical do sujeito metafísico — afinal, para o filósofo, consciência e inconsciência, alma e corpo, cérebro e corpo, são meras distinções gramaticais. Isto é, não faz sentido, como aponta Hacker (2012), assinalar predicados de natureza psicológica a nada senão à completude do humano, pois a criatura senciente que é afetada, e sempre por inteiro, pelas suas sensações, pelos seus sentidos, e que se encontra consciente ou inconsciente, e não a alma, a mente, ou o cérebro de modo à parte.

De sorte que supor na compreensão a sucessão de processos mentais e ocultos iguala-se a colocar um biombo primorosamente ilustrado à frente da cena do genuíno emprego da palavra (cf. Wittgenstein, 2014, MS 174, p. 355, § 26). Conforme Salles (2012), tal suposição termina por originar um modo de falar tipicamente enganoso, posto que, embora haja processos anímicos característicos do compreender, não são os únicos nem os decisivos, e o compreender não se esgota no processo anímico, de sorte que não é voltando-se à dimensão íntima, ao interior do humano, que se abrangerá o processo compreensivo. Todavia, vale salientar que o interior não só se faz presente nesse jogo, como se constitui enquanto base do dialeto próprio de cada ser humano e, nesse sentido, é essencial para que a linguagem e seus jogos progridam na rítmica do fluxo da própria vida. Dessa forma, o sentido de uma vida inteira pode se enunciar no uso específico que um único sujeito faz de determinada palavra. Ao compreender, enfim, é imprescindível mais do que um contato com um conteúdo empírico, sendo necessário, no lugar, a iniciação na linguagem e o adestramento apropriado em seus jogos nas variadas esferas e funções que existem. Assim, a experiência do significado — isto é, o processo de apreensão semântica e compreensão do conteúdo expressivo — assenta-se na capacidade de discernir contornos da estrutura em um dado sistema, de modo a identificar mudanças, das mais sutis às mais bruscas, no aspecto dessa estrutura.

Conquanto atribua ao interior a condição de uma ficção gramatical, é importante notar que Wittgenstein não nega nem afirma a existência de estados mentais, não nega nem afirma relações causais entre o físico e o psíquico, não reduz a completude expressiva do gesto à exteriorização, nem pretende sobrepor-se à visão prioritariamente anímica da significação ou do mental. Em vez disso, o filósofo estrutura um território do significativo e um campo lógico em que o interno se faz reconhecível por critérios gramaticais, a linguagem torna-se medida da linguagem, e coincidem no essencial, e não no empírico, significação e comportamento, de modo que a gramática que torna possível a expressão dos estados e dos atos da consciência tem precedência na investigação. (SALLES, 2012) Ao interior atribui-se essa condição de ficção gramatical não como forma de desqualificação, mas para salientar-se de que a ideia e a convicção de que cada um de nós possui uma alma, uma interioridade, é essencialmente uma crença gramatical, isto é, um elemento, construído ao longo de nossas práticas linguísticas, intimamente entrelaçado às nossas ações, expressões e formas de vida. Basta notar a

opulência vocabular em toda língua humana para dar vazão a sentimentos, emoções e afetos; em todo caso, todas essas são, por assim dizer, suposições gramaticais imbricadas no substrato da linguagem.

Sabendo que o anímico se expressa no corpóreo de modo primordialmente linguístico — ou seja: em comportamentos que enunciam a existência de um interior —, para discutirmos o modo pelo qual as expressões psicológicas são dotadas de significado resta-nos tematizar a expressão em si. O próprio Wittgenstein, a propósito, admite que se impõe em nós a sério a imagem de algo incorpóreo que vivifica o rosto, feito brisa poderosa, à visão de uma face rica de expressividade anímica, (cf. Wittgenstein, 2014, MSS 137-138, p. 117, § 325) pois, de fato, a expressão remete à própria dimensão vivencial da experiência, e é esse elemento de interioridade que o filósofo destaca e argui pela sua intangibilidade empírica, uma vez que, por manifestar-se no exterior, daí não decorre que tão simplesmente por ele se explique em toda a sua complexidade sem que o interior preste papel algum nisso.

O filósofo, então, segue de modo pertinaz, à imagem de um homem buscando clicar um cubo mágico hiperbólico, tentativamente buscando compreender a natureza da linguagem, sua função e estrutura, e em suas investigações conclui que é nos comportamentos, que nada são além da capacidade humana de expressão ou exteriorização da vida anímica, que se revela a continuidade existente entre os sentimentos e sua manifestação. Em seus termos, “palavras estão conectadas às primitivas, naturais, expressões de sensações e são usadas em seu lugar”, de tal modo que “a expressão verbal de dor substitui o choro, não o descreve” (Wittgenstein, 2009, p. 95^c, § 244, tradução nossa). Com isso, dos mais brutos aos mais matizados aspectos do comportamento, isto é, dos esgares e os gestos ao timbre e à fisionomia, existem expressões características, e, portanto, nomeáveis e reconhecíveis, de dor, de medo, de alegria. Com efeito, o filósofo considera certa palavra dita em um determinado ambiente, em entoação específica, como a genuína expressão de um sentimento sem que haja nada interposto entre ambos. (WITTGENSTEIN, 2009)

Significado, expressão e dissimulação em jogos de linguagem

Todavia, é certo que, tal como a variedade infinita da expressão, a imprevisibilidade é propriedade constitutiva do anímico, bem como o é que nem toda criatura que expressa medo, alegria, ou dor, pode fingi-los — mas a criatura humana pode exteriorizar. E ao ser devidamente adestrada nos jogos de linguagem, torna-se bastante hábil em ocultar o próprio interior; ou, em outras palavras: em fingir e dissimular. Como já dito, em Wittgenstein, subsiste em todos os lances do jogo uma opacidade ineludível que é propriedade essencial da própria vivência do jogo e, em última análise, cria a necessidade lógica da existência de um interior, posto que é quando a fisionomia, os gestos e as circunstâncias já não são unívocas que o interior não mais se confunde no exterior, ganhando desse modo profundidade e estatura e autonomia, de modo que, no fim, os critérios de

evidência do mais inefável, daquilo que no humano há de mais sutil, mais delicado, são invariavelmente externos e públicos. (WITTGENSTEIN, 2014)

E daí decorre que tais critérios se fundem em uma assimetria radical e absoluta, de ordem gramatical e expressiva, entre primeira e terceira pessoas, na qual se registra importantes nuances que respeitam à perspectiva cognitiva e a aspectos dos jogos linguísticos. Tal assimetria, no entanto, não é cognitiva, pois sua implicação teórica não é de que o sujeito, feito quem observa objetos sombrios encerrados no interior de uma caixa, saiba mais sobre as próprias vivências do que o outro, mas sim de que unicamente o próprio sujeito é capaz exteriorizar o seu interior, as vivências de sua vida anímica, ao passo que o outro está apto de ler o significado destas, e só. (MARQUES, 2014) De maneira que, por sua vez, tal assimetria funda um privilégio expressivo, considerando-se que entre suas vivências pessoais e o próprio sujeito não se interpõem as expressões ou exteriorizações, da mesma maneira que nada se interpõe entre o sentido e o expresso. O sujeito, primeira pessoa do verbo psicológico, assim, vivencia e expressa de imediato os eventos privados que nele ocorrem, enquanto o observador, terceira pessoa, apenas mediamente presencia a expressão. (cf. Wittgenstein, 2014, MS 176, p. 365, § 4)

Nisso surge um dilema fascinante, que consiste em uma aparente crise de todo o sistema de evidências públicas para o interior, posto que, ao menos à primeira vista, a possibilidade de dissimulação desvalorizar o sistema de modo cabal, e, em último caso, até mesmo anular a evidência, pois põe em xeque todo comportamento como evidência fidedigna em relação ao que vibra no espírito de outrem. Contudo, para que se chegasse a essas consequências lógicas, tal incerteza deveria possuir caráter generalizado; Wittgenstein, porém, averigua de que não o possui, dado que, em caso de dissimulação, a incerteza que é produto da imprecisão da evidência não é subjetiva, mas objetiva — isto é, subordinada à gramática que fundamenta a expressão. (WITTGENSTEIN, 2014)

Melhor dizendo: pelo comportamento constroem-se conclusões não só quanto à expressão, mas também no que concerne à autenticidade da expressão, o que implica que, para tal, tanto a expressão autêntica quanto a dissimulada manifestam-se a partir de sinais exteriores discerníveis. Senão, como sequer se poderia diferenciá-las e, nisso, reconhecer tipos diferentes de expressão? Portanto, a incerteza objetiva é uma indeterminação no que toca à evidência admissível que se inscreve nas próprias regras do jogo. Como sumariza Wittgenstein (2014, MS 173, p. 333, § 49, grifo nosso), que “o actor possa apresentar o desgosto mostra a *incerteza* da evidência, mas que ele possa apresentar o desgosto mostra também a *realidade* da evidência”. Ou seja, quer falemos de sinceridade ou dissimulação, autenticidade e inautenticidade, “falamos sobre padrões na urdidura da vida” (2014, MS 169, p. 299, § 317), de lances em que há intenções e capacidades em ação. Logo, tal como o significado de uma palavra se manifesta no jogo e qualifica-se pelo seu uso, o significado de uma

expressão dissimulada assenta-se na função, finalidade e na utilidade da mesma no interior da linguagem e em relação ao jogo da evidência.

O caráter da subjetividade

Em seu proceder terapêutico de investigação de essências Wittgenstein sondou as condições linguísticas de constituição da experiência do humano, e, durante o processo, deu ênfase à unidade da experiência em uma dimensão pragmático-linguística que está lastrada no solo da vivência. De fato, o mundo não se apresenta ao ser como uma imagem ou uma reminiscência, mas, de outro modo, acompanha a vida em fluxo tal qual o do inspirar e expirar; fluxo cíclico, ininterrupto e ininterrompível. Assim sendo, dentre as capacidades do humano está atentar-se ao mundo e dar-se conta de sua realidade, mas foge a essas capacidades fazer o que quer que seja sem se estar presente no próprio mundo. No que toca à função de intermediação entre linguagem e mundo o filósofo afirma que o mundo dos objetos físicos e o próprio mundo da consciência incluem-se na gramática da forma de vida do homem, nela têm realidade, e só através dela fazem-se conhecidos. Nesse cenário em que gramaticalmente une-se a vida do signo à visão de mundo, à cultura e à linguagem, a significação prova-se independente do mundo, isto é, sem ter de possuir uma relação de espelhamento com esse, conquanto a servir-se do próprio mundo para autocompor-se no seio da gramática. (SALLES, 2012)

Tal processo, em sua obra, dá-se a partir da recusa à referência subjetiva pretensamente necessária, em virtude de um elo causal, para o ato de significar; no caso, a estados mentais que fundamentem a autonomia da significação em relação ao mundo (cf. Oliveira, 2018). Em vez disso, para o filósofo, instrumentos linguísticos, jogos de linguagem e formas de vida condicionam a possibilidade da significação, de tal modo que a vida anímica, se cristalizável, apenas o é enquanto um conjunto de práticas. E as próprias condições de possibilidade da significação, dessa maneira, são necessariamente de natureza linguística, incluindo-se na gramática que articula as palavras e determina os sentidos através dos quais o homem experimenta o mundo em que vive, de tal forma que coincidem os limites do mundo e os limites da linguagem. (SALLES, 2012) Dito de outro modo: a gramática viabiliza a expressão das vivências do ser à medida que ele é adestrado em suas técnicas — tornando-se hábil, por exemplo, na associação de nomes a objetos, na substituição das expressões verbais das sensações por palavras e no seguimento de regras — e na vivência intersubjetiva atualiza o mundo para os sujeitos. Em Wittgenstein, portanto, a linguagem torna-se o leito do fluxo da existência do ser humano e fornece a base conceitual para as suas experiências.

Com efeito, o filósofo não pondera as vivências de estados mentais, como a vontade, a percepção de aspectos ou o senso de uma identidade psicológica à procura das causas de sua produção ou da explicação de suas funções, posto que, em sua investigação gramatical importa-lhe a constituição dos limites do significativo.

(SALLES, 2012) Assim, a reconstruir inteiras nuvens de filosofia nas mais diminutas gotículas da gramática (cf. Wittgenstein, 2009, p. 233^c, § 315), Wittgenstein faz ver como nos estados de alma já estão imbuídas dimensões da vivência que vão além do componente psicológico — primordialmente a dimensão do jogo de linguagem, mas também fatores subsidiários, como a intenção e a crença —, e, em certo sentido, dele prescindem. O anímico, desse modo, com tudo o que lhe próprio — a saber: as sensações, os pensamentos, as representações, as disposições, e o mais — estabelece-se enquanto copartícipe do processo de determinação da significação, e não sua fonte. (SALLES, 2012) Do anímico, contudo, sabe-se através de suas enunciações comportamentais; ou melhor: de suas expressões. Então vejamos, doravante, qual o estatuto da *vivência* e da *expressão* nas concepções de mundo, linguagem e significado de Wittgenstein.

Segundo Wittgenstein, dizer que algo constitui uma particular experiência subjetiva equivale a nada dizer sobre coisa alguma (2009, p. 77^c, § 174). Não lhe basta, por conseguinte, atribuir a falta de conhecimento ou a imperfeição desse conhecimento sobre a natureza dos fenômenos psicológicos à sua pretensa natureza sutilíssima e evanescente, ou então à rudeza da linguagem, conferindo-lhes, assim, uma aura de fantástica peculiaridade, visto que é um despropósito supor haver usos excepcionais para uma certa casta de palavras em relação às demais. (WITTGENSTEIN, 2009) Logo, em sua investigação gramatical Wittgenstein define que o que há na linguagem não são representações das experiências, mas a própria textura do experienciar. Nesse sentido, o mundo da consciência e o mundo dos objetos confinam-se aos limites da gramática e organizam-se nos jogos de linguagem.

Destarte, convém apontar que, implícita na ideia do significado que se constrói no uso, está a noção de que a subjetividade e a linguagem incidem sobre e afetam uma à outra. Em consequência, não se pode ignorar o componente vivencial da construção dos jogos de linguagem. Quando Wittgenstein (2014, MSS 137-138, p. 190, § 734) afirma que “apenas de alguém que *é capaz* de fazer, aprendeu, dominou, isto e isto, tem sentido dizer que vivenciou conscientemente”, associando, desse modo, a maestria à vivência do significado e à percepção de relações internas, sinaliza para o fato que, assim como na percepção de um aspecto visual, à percepção de uma nuance semântica pertence à ciência das relações intrínsecas, sendo ambas ocorrências em que “nada se transforma e, não obstante, tudo é novo” (Salles, 2012, p. 88); neste caso, a relação apercebida é entre dada palavra e o seu arco de significados. À ideia de significado, pois, assim como em relação às competências do ver e do ouvir, subsiste a intencionalidade como componente elementar. Com efeito, “[...] significar algo é como ir em direção a alguém” (Wittgenstein, 2009, p. 140^c, § 457, tradução nossa), constituindo-se, por conseguinte, enquanto ação que põe em movimento o próprio sujeito.

No que, então, a *vivência do significado* consistiria no transcórre da ação do significar? Vogais matizadas, palavras com semblantes ou perfumes e a cadência da prosódia (cf., respectivamente, Wittgenstein, 2009, p.

213^c, § 177, p. 228, § 278 e p. 230^c, § 294; Wittgenstein, 2009, p. 182, § 38 e p. 230^c, § 295; Wittgenstein, 2009, p. 151^c, § 527 e Wittgenstein, 2014, MSS 137-138, p. 126, § 371-376) são todos elementos que o filósofo — muitas vezes valendo-se de aproximações à música de forma ilustrativa — pontua, descreve e explora acerca da expressão e do significar. São atributos, por assim dizer, organolépticos da vivência do significado. Junto a sutis contornos comportamentais — quebrantos ou refulgências em um olhar, vibrações no timbre e coreografias gestuais —, tais atributos encontram-se em esferas de jogos de linguagem mais sofisticados e complexos, onde a linguagem é empregada, dentre outras, em sua função estética ou finalidade dissimulativa. Poder-se-ia supor, por exemplo, que durante as suas composições um poeta ou um músico vivenciam tais propriedades cromáticas e rítmicas nas palavras à medida que as instrumentalizam, arranjam e permutam. Por conseguinte, é como se, no uso, as palavras possuíssem também uma vida anímica.

Porém, vale sublinhar que o significado de uma palavra

[...] não é a experiência que se tem ao ouvi-la ou proferi-la, e o sentido de uma sentença não é o complexo dessas experiências. — (Qual o sentido da proposição “Eu não o vi ainda” composto do significado de suas palavras?) A sentença é composta de palavras, e isso é o suficiente. (Wittgenstein, 2009, p. 182, § 37, tradução nossa)

Os atributos organolépticos acima citados, portanto, pertencem intrinsecamente à vivência, e nisso expressam uma relação inerente ao uso que, ao fim e a cabo, constitui o uso multimodo de determinada palavra. Em consonância à Bar-Elli (2016), o que se expõe a partir disso é que a vivência em si não é de ordem subjetiva nem se iguala ao conteúdo psicológico que se supõe subjacente e vinculado ao uso da palavra, mas consiste no caráter *objetivo* do uso que, nada obstante, conserva toda a complexidade da *experiência subjetiva* que o acompanha e põe o sujeito em movimento no tabuleiro da gramática. Logo, disso não decorre que as vivências subjetivas sejam a essência do processo objetivo do significar, o que seria estranho à filosofia de Wittgenstein; do contrário, disso sucede que somente à expressão o subjetivo realiza-se na objetividade da linguagem, fazendo-o, via de regra, nos limites gramaticalmente definidos do significativo e do possível. Em outros termos: caso uma palavra seja escarlate ou azul-celeste, cheire a vinho ou lavanda, isso respeita ainda a aspectos operativos que se fundam no uso e informam o significado. Isto é, não se pode separar de uma palavra sua acústica, sua aparência e o sentimento que nela há, por que cada uma dessas qualidades é uma faceta do significado objetivo que lhe é próprio e que há de ser vivenciado nos diferentes tipos de uso dentro da gramática.

Porquanto

A sensação-de-se não é um sentimento que acompanha a palavra “se”. / A sensação-de-se deveria ser comparável à “sensação” especial que uma frase musical nos dá. (Descreve-se algumas vezes tal sentimento ao dizer “Aqui é como uma conclusão

estivesse sendo tirada”, ou “Eu gostaria de dizer aqui ‘assim sendo...’, ou “Aqui eu sempre gostaria de fazer um gesto”, e então se faz o gesto). / Mas pode esse sentimento ser separado da frase? E ainda assim não é a própria frase, pois alguém pode ouvir sem o sentimento. / Nesse sentido é similar à “expressão” com que a frase é tocada? / Nós dizemos que a música nos dá um sentimento bastante especial [...] / “Eu canto com uma expressão particular”. *Essa expressão não é algo que pode ser separado da passagem*. É um conceito diferente. (Um jogo diferente). (Wittgenstein, 2009, p. 191^c, § 43-48, tradução e grifo nossos; cf. Wittgenstein, 2014, MS 137-138, p. 126, § 371-376)

Compreende-se, enfim, de que tais qualidades são vitais para a compreensão objetiva do conteúdo subjetivo expresso, sendo inerente, ademais, à intencionalidade que é intrínseca à linguagem e aos jogos. (BAR-ELLI, 2016) Contudo, ainda que a vivência em si não seja de ordem subjetiva nem se iguale ao conteúdo psicológico, no uso da palavra o anímico contribui à significação na própria medida em que a palavra e o contexto do seu uso existem para dado sujeito, sendo no anímico e nas particularidades da vivência de cada um, em última análise, que se resguardam as sutilezas e a inefabilidade do que resta cabalmente incapturável pela linguagem em suas limitações expressivas factuais. Pois da mesma forma que o interior e o exterior estão ligados experimental e logicamente (cf. Wittgenstein, 2014, MS 173, p. 328, § 20-21) também em termos experienciais e lógicos uma palavra está ligada ao seu significado.

Portanto, a habilidade para experimentar a vivência do significado traduz-se na habilidade de chegar à alma de uma palavra, à essência da gramática, e compreender a linguagem.

Considerações Finais

Uma exploração temática da obra de Wittgenstein, a publicada em vida e a que o foi apenas postumamente, revela certa tenacidade, aliás admirável, na exploração de certos núcleos temáticos; revela afincamento no polimento de um instrumental de conceitos que mais ou menos mudam à medida que seu trabalho progride; e até formulações e reformulações sensivelmente distintas que reiteram impasses, reconsideram problemas recorrentes e oferecem-lhes soluções inéditas que não estão, elas mesmas, isentas de serem invalidadas mais adiante. A discorrer sobre os escritos originados na fase de sua segunda atitude filosófica em específico, poder-se-ia dizer que, à maneira da filosofia clássica, Wittgenstein tematiza e pondera os conceitos psicológicos e a própria Psicologia através da investigação dos seus fundamentos epistemológicos, metodológicos, e dos seus primeiros princípios. (cf. MARQUES, 2014)

Em virtude disso, através de uma conduta que no texto se revela como um método terapêutico de aproximação a duradouros problemas filosóficos em nova perspectiva, com um novo modo de pensar, Wittgenstein estabelece, e ratifica página após página, uma desconstrução lógica do sujeito das ciências

psicológicas, quer metafísico, quer fisiológico. Por sinal, essa atitude antipsicologista, como nos informa Hacker (2010, p. 03), era comum a várias escolas filosóficas da Alemanha e da Grã-Bretanha na época finissecular em que Wittgenstein desenvolveu seu pensamento; não à toa ele herdou seus compromissos metodológicos de Frege e Russell, que, antes dele, também se voltaram a núcleos temáticos semelhantes. Apesar disso, conforme expôs Oliveira (2022), ao adotar uma atitude filosófica em que a natureza da proposição perde o estatuto de questão cardeal à filosofia, Wittgenstein elabora um pensamento em que a necessidade lógica não mais se refere à natureza de determinadas proposições, o que, como consequência última, permite-o relativizar eixos fundamentais do logicismo e repensar as velhas questões eternas da filosofia, modificando, enfim, o ponto de vista e o modo de pensar que precederam seu pensamento.

Em sua filosofia tardia, pois, Wittgenstein provou-se tão revolucionário quanto pode ser um pensador ao debruçar-se na natureza da linguagem e da representação linguística, na natureza do pensamento e da intencionalidade, do significado e da compreensão, e, por fim, na natureza da própria filosofia. (HACKER, 2010) Tanto que, por efeito da virada linguística operada, em partes, pela sua obra, ruíram os fundamentos ontológicos do fazer filosófico, cuja viga mestra, a consciência, foi descartada em prol de uma procura das condições de possibilidade do sentido que, nada obstante, já não mais poderia estatuir-se como incontestes. Dessas ruínas, contudo, surge uma articulação que une a palavra à ação e em seu horizonte conceitual conserva a versatilidade e a variabilidade como inerentes a si mesma. Desse modo, a filosofia já não mais tem essência alguma para realizar, e, nessa dimensão pragmático-linguística, encerra-se em um ciclo inesgotável de críticas às suas categorias mais tradicionais. (SALLES, 2012) Logo, com Wittgenstein, não são mais as respostas que são postas em xeque, mas as próprias perguntas.

Em última análise, ainda que sejam descartadas as prerrogativas metafísicas e puramente fisiológicas do comportamento humano, em sua filosofia, a vida anímica do ser humano respira com mais folga do que nas ciências psicológicas, posto que jamais é reduzida a instâncias psíquicas ou a órgãos. Nela, o comportamento é a expressão de capacidades cognitivas, cogitativas, afetivas e volitivas que se integram na unidade da experiência do ser humano no mundo, e é assim descrito. Assim, o papel da filosofia da psicologia em Wittgenstein é fornecer um panorama do esquema conceitual dos conceitos dessas ciências, apresentando, nisso, métodos e técnicas para compará-los e contrastá-los com atenção aos jogos de linguagem. Desse modo, sua obra serve ao leitor, seja leigo ou especialista, como um mapa que, quando do surgimento de impasses e dilemas, oferece um novo olhar, uma nova perspectiva ao emaranhado de vias e descaminhos, quer em filosofia, em filosofia da psicologia, na própria psicologia ou na neurociência. (HACKER, 2010) Como resultado, serve de cercado a esse novo caminho aberto a picadas pelo próprio Wittgenstein na selva dos problemas filosóficos um conjunto de raciocínios essencialmente gramaticais que unicamente permitem o trânsito de elaborações de conceitos psicológicos precisas e descritivas.

O maior mérito de sua filosofia da psicologia, no entanto, talvez seja o fato de, sem eterificar, substantivar ou ignorar a subjetividade, Wittgenstein ratificar o sujeito expressivo em sua realidade atuante. Tal sujeito, produzido no interior de uma gramática que delimita a expressão comportamental nos próprios limites das possibilidades de pensamento e experiência, ao expressar-se manifesta vida e mundo sem jamais ultrapassá-los. Assim, nada fica escondido ou resta por dizer, exceto caso assim o sujeito o queira. Há, desse modo, chances iguais de equívoco e esclarecimento entre duas mentes, posto que a linguagem não é obstáculo para a compreensão, mas o próprio meio para que ela se dê, estipulando os limites da subjetividade e da objetividade. É, com efeito, na gramática que lastra a vivência do significado que, no desenvolvimento de um “[...] jogo de expressão [...], posso, obviamente, dizer que se desenvolve uma alma, um *interior*.” (Wittgenstein, 2014, MS 137-138, p. 236, § 947). Essa gramática, pois, define as condições linguísticas de constituição da experiência do humano, fazendo coincidir os limites do humano à realidade que o envolve e na qual ele, de jogo de linguagem em jogo de linguagem, constitui sua subjetividade.

Wittgenstein, ao fim, mostra uma verdade profunda e bela sobre o humano: é nos lances da comunicação expressiva entre mentes — viabilizada pela gramática no contexto das formas de vida do humano —, que um interior propriamente se constitui enquanto realidade exprimível e o primata faz-se homem.

Referências bibliográficas:

- BAR-ELLI, G. Wittgenstein on the experience of meaning and the meaning of music. **Philosophical Investigations**, v. 29, n. 3, p. 217-249, 13 de jun. de 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9205.2006.00291.x>. Acesso em: 01 de set. de 2022.
- HACKER, P. The Development of Wittgenstein's Philosophy of Psychology. In: **Mind, Method, and Morality: Essays in Honour of Anthony Kenny**, org. John Cottingham e Peter Hacker. Londres: Oxford University Press, 2010.
- HACKER, P. The relevance of Wittgenstein's Philosophy of Psychology to the Psychological Sciences. In: **STEKELER-WEITHOFER, Pirmin. Wittgenstein: Zu Philosophie und Wissenschaft**. Editora Meiner, F; Auflage: Vol. 3, n. 1, p. 205-223, 2012.
- MARQUES, A. Vivência e Significado. In: **Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia**. 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.
- OLIVEIRA, W. Normatividade, experiência e certeza em Wittgenstein. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, Natal, v. 25, n. 59, p. 111-129, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/26497/15990>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

OLIVEIRA, W. Pensamento e Subjetividade em Wittgenstein. **Analytica-Revista de Filosofia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 141-164, 2018. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/issue/view/1221>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

SALLES, J. **O Cético e o Enxadrista**. Salvador: Editora Quarteto, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Oxford: Basil Blackwell, 1999/2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia**. 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.